

**Em 2009 a heterodoxia
afastou a crise social**

Waldir Quadros

**Texto para Discussão. IE/UNICAMP
n. 189, março 2011.**

ISSN 0103-9466

Em 2009 a heterodoxia afastou a crise social ¹

*Waldir Quadros **

A grave retração econômica do final de 2008 – em decorrência da crise financeira internacional – acompanhada de forte onda de demissões no último trimestre deste ano e no primeiro de 2009, apontava para sérios retrocessos na boa evolução da estrutura social que vinha ocorrendo desde 2004.

De fato, se esta trajetória não fosse alterada, sem dúvida a crise social se faria sentir com intensidade. Entretanto, como observaremos a seguir, em grande medida a crise já havia sido debelada no momento da aplicação da PNAD de 2009 (última semana de setembro) e as melhorias sociais continuaram operando. É de se esperar, diante do crescimento econômico acelerado, que elas devam ser ainda mais vigorosas em 2010.

Este aspecto é de enorme importância e revela o acerto e oportunidade das medidas adotadas pelo governo federal para enfrentar os distúrbios provocados pela crise mundial. De fato, a recuperação do dinamismo econômico foi muito rápida e evitou-se a interrupção do ciclo de progresso social, com o que já contamos com sete anos consecutivos de avanços. E o cenário futuro também pode ser muito promissor.

Contudo, a crise não passou totalmente em branco e os dados da PNAD de 2009 indicam um relativo agravamento no desemprego.

O comportamento das oportunidades individuais

Examinando-se a Tabela 1, que apresenta a estratificação social dos indivíduos ocupados, observa-se que, de fato, os dados de 2009 não registram

(1) Este ensaio, escrito em janeiro de 2011, atualiza, em grandes linhas, o Texto para discussão, n. 176 “*Melhorias sociais no período 2004 a 2008*”.

(*) Professor colaborador do Instituto de Economia da Unicamp e do Cesit – Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho. Nossos agradecimentos à colaboração do Professor Dr. Alexandre Gori Maia.

retrocessos em relação a 2008. Ao contrário, a mobilidade na base da pirâmide em direção à baixa classe média se manteve, reforçando a tendência em vigor desde 2004.

Tabela 1
Estratificação social dos indivíduos ocupados
Brasil

Estratos Sociais	2003 (%)	2008 (%)	2009 (%)
Alta classe média	4,7	5,2	5,3
Média classe média	6,9	9,3	9,7
Baixa classe média	24,5	30,7	33,0
Massa trabalhadora	27,8	35,0	33,0
Miseráveis	36,1	19,8	18,9
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD. IBGE.

A evolução das oportunidades familiares

A avaliação do desempenho da estrutura social torna-se mais completa quando consideramos não só os indivíduos ocupados, mas todos os membros das famílias. Isto é, o conjunto da população.

Em nossas análises temos utilizado duas formas de agregação familiar. A primeira classifica a família na posição ocupada pelo membro melhor remunerado, revelando uma sensibilidade imediata aos movimentos conjunturais da mobilidade social. A segunda ajusta a estrutura social obtida pelo primeiro critério, com base nos rendimentos familiares per capita apurados anualmente. Em cada camada, são rebaixadas as famílias com renda per capita inferior ao nível mínimo apurado e ascendem aquelas que o superam. Esta segunda abordagem oferece um indicador da condição de vida das famílias².

Na Tabela 2 são apresentados os dados de 2009 apurados em cada um destes dois critérios.

(2) A metodologia completa pode ser acessada em www.eco.unicamp.br na série Textos para Discussão, n. 151 “Estratificação social no Brasil: o efeito demográfico”.

Tabela 2
Estratificação social da população
Brasil – 2009

Estratos Sociais	Membro melhor situado	Ajustado pela renda per capita
Alta classe média	7,7	5,0
Média classe média	13,2	16,3
Baixa classe média	38,8	29,9
Massa trabalhadora	30,7	29,2
Miseráveis	9,7	19,6
Total	100,0	100,0

Fonte: PNAD. IBGE.

Como se observa, na alta classe média o ajuste pela renda per capita reduz a proporção apurada pelo critério do membro melhor remunerado. Em poucas palavras, significa que 7,7% da população encontram-se em famílias cujo membro melhor remunerado ocupa uma posição de alta classe média. E 5,0% em famílias com “padrão de vida médio” de alta classe média.

Em termos impressionísticos, este rebaixamento na alta classe média em grande medida se reflete na maior dimensão da média classe média no segundo critério. Ou seja, uma parcela das famílias cujo membro melhor remunerado encontra-se na alta classe média não atinge a renda per capita mínima deste estrato, e desce para uma posição inferior na escala social.

O mesmo se passa com famílias da baixa classe média e da massa trabalhadora, com a conseqüente expansão da camada dos miseráveis.

Comparando-se os dados das Tabelas 3 e 4, observa-se que quando examinamos as famílias classificadas segundo seu membro melhor remunerado, o dinamismo social é significativamente mais intenso do que quando ajustamos pela renda per capita.

Esta performance é muito relevante, pois indica que a obtenção de melhores oportunidades individuais envolve uma parcela expressiva de famílias.

De qualquer forma, em ambos os critérios a crise não impediu os avanços em 2009, salvo na alta classe média que apresenta um leve recuo na estratificação ajustada pela renda per capita.

Tabela 3
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil – em %

Estratos Sociais	2003	2008	2009
Alta classe média	4,5	5,2	5,0
Média classe média	12,4	15,8	16,3
Baixa classe média	23,4	29,3	29,9
Massa trabalhadora	25,7	29,8	29,2
Miseráveis	34,0	19,9	19,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD. IBGE.

Tabela 4
Estratificação social da população segundo o membro melhor remunerado
Brasil – em %

Estratos Sociais	2003	2008	2009
Alta classe média	6,8	7,6	7,7
Média classe média	9,7	12,9	13,2
Baixa classe média	30,2	37,0	38,8
Massa trabalhadora	28,4	32,8	30,7
Miseráveis	24,9	9,6	9,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD. IBGE.

Na mesma direção, a Tabela 5 revela que a renda familiar per capita também avança em 2009.

Tabela 5
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil - Renda per capita (R\$)*

Estratos Sociais	2003	2008	2009
Alta classe média	3.338	3.736	3.830
Média classe média	1.062	1.156	1.175
Baixa classe média	471	523	534
Massa trabalhadora	238	253	260
Miseráveis	87	90	91
Total	484	623	638

Fonte: PNAD. IBGE.

* A preços de outubro/2009 – deflator: INPC corrigido, IPEA.

A evolução do desemprego

Entretanto, a Tabela 6 aponta um agravamento nas taxas de desemprego entre as famílias, salvo na alta classe média e particularmente nos estratos populares.

Tabela 6
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil – Desocupados (% S/PEA) *

Estratos Sociais	2003	2008	2009
Alta classe média	3,6	3,0	2,8
Média classe média	5,5	4,1	4,5
Baixa classe média	7,5	5,8	6,5
Massa trabalhadora	12,1	11,7	13,2
Miseráveis	22,7	22,4	25,9
Total	12,2	9,1	10,3

Fonte: PNAD. IBGE.

* tempo de procura por emprego de até 2 meses.

Se tomarmos os números absolutos, como se apresenta na Tabela 7, o quadro global é ainda mais preocupante, uma vez que em 2009 o contingente de desocupados, de 10 milhões de pessoas, é muito próximo daquele de 2003 (10,6 milhões), ou seja, antes de se iniciar o ciclo de crescimento econômico mais robusto.

Tabela 7
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil – Desocupados (mil pessoas)

Estratos Sociais	2003	2008	2009
Alta classe média	176	190	174
Média classe média	725	774	876
Baixa classe média	1.791	1.843	2.121
Massa trabalhadora	2.712	3.100	3.478
Miseráveis	5.193	2.884	3.426
Total	10.597	8.790	10.076

Fonte: PNAD. IBGE.

Por sua vez, a retomada da economia em 2010 impediu que se instalasse uma tendência depressiva no mercado de trabalho e todos os indicadores disponíveis apontam para uma significativa redução das taxas de desemprego ao longo do ano.

A evolução da renda total declarada

Da mesma forma que o comportamento da estratificação social da população oferece um indicador das melhorias (ou retrocessos) na situação social, a evolução da renda total declarada pode ser tomada com um indicador da variação do poder de compra “primário”³ das famílias e das distintas camadas sociais.

Esta segunda forma de avaliação é particularmente relevante do ponto de vista daqueles que pretendem capturar (ou “atender”) o crescimento segmentado do poder de compra da população, inclusive potencializando-o com o crédito pessoal.

A Tabela 8 apresenta a variação da renda total declarada mensal entre 2003 e 2009, e a Tabela 9 a evolução da população.

Tabela 8
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil – Renda Total Declarada (milhões de reais mensais)*

Estratos Sociais	2009-2003	%
Alta classe média	9.498	26,3
Média classe média	12.654	35,0
Baixa classe média	10.517	29,1
Massa trabalhadora	3.495	9,7
Miseráveis	(1.834)	
Total	34.330	
Variação total + redução dos miseráveis	36.164	100,0

* a preços de outubro de 2009, deflator: INPC corrigido – IPEA.

Fonte: PNAD. IBGE.

(3) Isto é, sem considerar o crédito.

Tabela 9
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil – mil pessoas

Estratos Sociais	2009-2003	%
Alta classe média	1.519	4,3
Média classe média	8.901	25,0
Baixa classe média	15.225	42,8
Massa trabalhadora	9.931	27,9
Miseráveis	(22.827)	
Total	12.749	
Varição total + redução dos miseráveis	35.576	100,0

Fonte: PNAD. IBGE.

Como se observa na Tabela 8, a massa total de renda declarada cresceu R\$ 34,3 milhões mensais⁴ de 2004 a 2009. Se considerarmos que ocorreu uma retração de R\$ 1,8 milhões na camada de miseráveis, por força da notável redução deste segmento social, a renda total das outras quatro camadas expandiu-se em R\$ 36,1 milhões.

É muito interessante observar que, por força da elevada concentração, o comportamento da renda é bastante distinto daquele revelado pela estrutura social. De fato, enquanto a massa trabalhadora recebeu 27,9 % da população potencialmente ascendente (Tabela 9), ela reteve apenas 9,7% da correspondente variação da renda total.

Na outra ponta, a alta classe média responde por 4,3% da variação populacional e por 26,3% da renda total.

Na média classe média estas variações são de 25,0% na população e 35,0% na renda total, e na baixa classe média de 42,8% e 29,1%, respectivamente.

Pessoas x Renda (dinheiro)

Em nosso entendimento, o duplo enfoque do item anterior pode lançar um pouco mais de luz sobre o entusiasmo do mercado com a ascensão dos consumidores da “nova classe média”. O que a análise da renda total sugere é

(4) Sempre a preços de outubro de 2009, deflator: INPC corrigido – IPEA.

que esta percepção incorpora, em nossa metodologia, não só a performance da baixa classe média, mas também a da média classe média.

Desdobrando um pouco mais este raciocínio, examina-se inicialmente a **mobilidade das pessoas** com base nos dados da Tabela 10. Cabe registrar que procurou-se aqui isolar o efeito do crescimento populacional do período, com o intuito de evidenciar as variações devidas à mobilidade. Para tanto, as proporções apuradas nas diversas camadas em 2009 foram aplicadas sobre a população de 2003.

Tabela 10
Estratificação social da população ajustada pela renda familiar per capita
Brasil – (mil pessoas)

Estratos Sociais	2003	2009*	Crescimento acumulado
Alta classe média	7.976	8.853	877
Média classe média	21.852	28.675	7.701
Baixa classe média	41.208	52.620	19.113
Massa trabalhadora	45.170	51.378	25.322
Miseráveis	59.749	34.427	-
Total	175.954	175.954	-

Fonte: PNAD. IBGE.

*Simulando a população de 2003 nas proporções de 2009.

O que estes dados apontam é que o dinamismo social a partir de 2004 é extremamente vigoroso na base da pirâmide, mas perde força a partir da baixa classe média.

De fato, se desconsiderarmos o crescimento populacional, para os 21,9 milhões de pessoas que em 2003 já se encontravam na média classe média abriu-se ao longo do período um espaço potencial para que apenas 880 mil ascendessem à alta classe média, equivalentes a tão somente 4% daquele contingente inicial.

Seguindo estes critérios, na baixa classe média o cenário não é muito mais promissor, pois para os 41,2 milhões de pessoas de 2003 o espaço potencial para ascender aos estratos superiores foi de 7,7 milhões. O que corresponde a uma oportunidade para 18,7% das pessoas ao longo do período de 6 anos.

Já nas duas camadas inferiores a mobilidade potencial foi bem mais vigorosa, uma vez que na massa trabalhadora abriu-se um canal de ascensão equivalente a 42,3% da população de 45,2 milhões em 2003, e de 42,4% entre os 59,7 milhões de miseráveis.⁵

Como temos discutido em outros trabalhos,⁶ em nosso entendimento esta relativamente baixa performance da baixa classe média para cima deve estar refletindo o próprio conteúdo do desenvolvimento econômico do período recente.

Ou seja, se as taxas de crescimento foram bem mais expressivas do que aquelas do longo período anterior de estagnação e retrocessos, não ocorreram progressos significativos nas estruturas produtivas mais avançadas em termos tecnológicos, sobretudo na indústria e nos serviços produtivos. Que são justamente aquelas que dinamizam efetivamente o mercado de trabalho, gerando oportunidades de maior qualificação e remuneração.

Entretanto, como foi apontado anteriormente na Tabela 8, o **comportamento da renda** é bastante distinto, uma vez que 61,3% do crescimento da renda total declarada nas quatro camadas acima dos miseráveis concentraram-se na alta e média classe média. E 64,1% na média e baixa classe média.

Se formos conduzidos pelo discurso predominante, ficamos com impressão de que a melhora no poder aquisitivo teve um perfil eminentemente popular. Contudo, observamos que para uma expansão de 70,7% na população da massa trabalhadora e da baixa classe média corresponde apenas 38,8% da expansão da renda total declarada.⁷

(5) Uma abordagem complementar a esta pode ser realizada com base na estratificação segundo o membro melhor remunerado da família. Para não complicar demais o raciocínio e a compreensão do leitor com uma exposição simultânea, ela é apresentada ao final do texto como apêndice.

(6) Que podem ser acessados em www.eco.unicamp.br na série Textos para Discussão, n. 176 “Melhorias sociais no período 2004 a 2008”, maio de 2010; e TD, n. 184 “Melhorias sociais no estado de São Paulo: 2004 a 2008”, outubro de 2010.

(7) É importante registrar que esta interpretação baseada na variação da renda total não significa desconhecer ou menosprezar o expressivo aumento que ocorreu no consumo popular.

Agora, se subirmos um degrau acima na escala social, aí sim percebe-se uma maior consistência, já que à expansão de 67,8% na baixa e média classe média corresponde um crescimento de 64,1% na renda.

Nestes termos a “nova classe média emergente” englobaria em nossa metodologia um contingente de 87,2 milhões de pessoas em 2009 (46,2% da população de 188,7 milhões de pessoas).

E ficam à margem deste cenário mais promissor aqueles que permaneceram na massa trabalhadora e na camada de miseráveis, que ainda atingiam 48,8% da população ou 92 milhões de pessoas.

Perspectivas atuais para novos progressos sociais⁸

Em termos sociais, e sinteticamente, o caminho para progressos futuros reside em prosseguir na redução dos miseráveis e da massa trabalhadora pobre e avançar na expansão dos três estratos de classe média dinamizando o topo da estrutura social. Acompanhado das inadiáveis melhorias nas áreas públicas sociais, que determinam as condições de vida da enorme maioria das famílias.

O recente ciclo de crescimento econômico despertou a sociedade brasileira para a importância crucial dos rumos do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, vem se ampliando a consciência das atuais potencialidades nacionais para enfrentar os grandes problemas estruturais que tem impedido um desempenho econômico e social mais virtuoso.

Entre outros aspectos cruciais, e apesar dos sérios retrocessos na nossa estrutura industrial, ainda dispomos de respeitável base para recuperar as lacunas nas cadeias produtivas se formos capazes de construir condições macroeconômicas mais favoráveis, particularmente no que diz respeito a câmbio, juros e uma autêntica política industrial e tecnológica.

Ou seja, nos defrontamos com rara oportunidade histórica para implementar um novo padrão de desenvolvimento econômico nucleado pela retomada da industrialização nos marcos da terceira revolução industrial e ambiental, e acompanhado de avanços equivalentes nos serviços produtivos.

(8) Este item reproduz o trecho final da matéria “Brasil: um país de classe média?” publicada no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, de novembro de 2009.

Estas condições econômicas mais avançadas é que criariam oportunidades para a alta e média classe média, ou seja, postos de trabalho mais qualificados e melhor remunerados. Rompendo-se, assim, os obstáculos que impedem que a mobilidade social avance vigorosamente para além da baixa classe média.

Da mesma forma, a urgente e inadiável reestruturação dos serviços públicos de educação, saúde, saneamento, habitação, transporte coletivo, segurança pública e outros também resultaria na melhoria da situação dos atuais profissionais destas áreas, além de expandir significativamente as novas oportunidades de classe média dado o atual estado de carência absoluta.

Com isso, a baixa classe média e o conjunto da sociedade seriam duplamente beneficiados: de um lado seria alargado o canal para ascenderem a ocupações melhor remuneradas. De outro, mesmo mantendo-se em sua camada social, haveria uma elevação geral das condições de vida em função das melhorias nos serviços públicos vitais para a reprodução social. O que, entre outros benefícios, reduziria drasticamente seu custo de vida.

Em síntese, se passarmos a contar com condições estruturalmente mais favoráveis, os avanços recém conquistados serão consolidados e servirão de suporte para progressos mais consistentes, significando importante ruptura e decisivo passo à frente. Neste cenário mais promissor a atual baixa classe média pode ser compreendida como um “embrião de classe média” que irá desenvolver-se na medida em que o país realize suas atuais potencialidades.

E para as camadas inferiores, quais seriam as perspectivas mais favoráveis? Em poucas palavras, ascenderem à baixa classe média. Com isso, construiríamos uma autêntica sociedade mais justa e muito menos desigual, elevando os padrões de vida em geral e extinguindo a miséria e pobreza que sempre macularam nossa coletividade.

Entretanto, para darmos estes passos mais ousados não bastarão crescimento econômico acelerado, avanços tecnológicos, dinamização do mercado de trabalho e reestruturação dos serviços sociais públicos. Ao lado da progressividade tributária e fiscal para financiar os gastos sociais distributivos, impõe-se aumentar de forma expressiva a participação da remuneração do trabalho na renda nacional. E também avançar na reforma agrária e no

desenvolvimento da agricultura familiar, uma vez que grande parte dos miseráveis encontra-se no campo ou em ocupações agrícolas. Só assim será possível a elevação significativa dos rendimentos médios que resultará da pretendida melhora da estrutura social.

Para tanto, são indispensáveis e urgentes uma série de aperfeiçoamentos fundamentais nas relações de trabalho que melhorem as condições para a atuação sindical, reduzam os níveis corrosivos de rotatividade e impeçam a precarização, conformando uma regulação do mercado de trabalho mais favorável aos empregados e prestadores de serviços.

Apêndice ao item Pessoas x Renda (Dinheiro)

Estratificação pelo membro melhor remunerado

Este apêndice complementa o item “Pessoas x renda (dinheiro)” incorporando a análise da evolução social com base na estratificação da população segundo o membro melhor remunerado das famílias, tal como se apresenta na Tabela 11.

Tabela 11
Estratificação social da população segundo o membro melhor remunerado
Brasil – (mil pessoas)

Estratos Sociais	2003	2009*	Crescimento acumulado
Alta classe média	11.932	13.493	1.561
Média classe média	17.031	23.187	7.717
Baixa classe média	53.187	68.184	22.715
Massa trabalhadora	49.942	53.948	26.721
Miseráveis	43.862	17.141	-
Total	175.954	175.954	-

Fonte: PNAD. IBGE.

*Simulando a população de 2003 nas proporções de 2009.

Seguindo os mesmos procedimentos adotados anteriormente na análise dos dados da Tabela 10, observa-se que, para os 17 milhões de pessoas que em 2003 encontravam-se na média classe média, abriu-se no período 2004-2009 um canal potencial para ascensão à alta classe média equivalente a 9,2% do contingente inicial, já descontado o crescimento populacional, ou seja, para 1,6 milhões de pessoas.

Como vimos anteriormente, na estratificação ajustada pela renda per capita, este espaço é de 4%, ou 880 mil pessoas em 21,9 milhões. Esta menor dimensão comparativa do canal para ascensão indica que o padrão de vida de alta classe média é mais acessível às oportunidades individuais do que para as condições médias das famílias.

A baixa classe média é a única em que ocorre o contrário, uma vez que na estratificação pelo membro melhor situado o canal potencial é de 14,5% (7,7 em 53,2 milhões), inferior aos anteriores 18,7% (7,7 em 41,2 milhões). Assim

sendo, sugere-se que nesta camada a ascensão baseada na contribuição do conjunto da família é comparativamente mais expressiva do que a partir das oportunidades individuais.

Na massa trabalhadora o espaço potencial na estratificação pelo membro melhor remunerado é de 45,5% (22,7 em 49,9 milhões) contra 42,3% (19,1 em 45,2 milhões); e, na camada de miseráveis de, respectivamente, 60,9% (26,7 em 43,9 milhões) contra 42,4% (25,3 em 59,7 milhões). Ou seja, nestas duas camadas populares as condições médias do conjunto da família são inferiores ao padrão alcançado pelo membro melhor situado.

Para finalizar, e sem maiores comentários, apresenta-se a seguir os dados correspondentes às variações na renda total e na população, com comportamentos equivalentes aos examinados anteriormente.

Tabela 12
Estratificação social da população segundo o membro melhor remunerado
Brasil – Renda Total Declarada (milhões de reais mensais) *

Estratos Sociais	2009-2003	%
Alta classe média	11.362	30,3
Média classe média	9.785	26,1
Baixa classe média	12.571	33,5
Massa trabalhadora	3.801	10,1
Miseráveis	(3.189)	
Total	34.330	
Variação total + redução dos miseráveis	37.519	100,0

* a preços de outubro de 2009, deflator: INPC corrigido – IPEA.

Fonte: PNAD. IBGE.

Tabela 13
Estratificação social da população segundo o membro melhor remunerado
Brasil – mil pessoas

Estratos Sociais	2009-2003	%
Alta classe média	2.539	6,6
Média classe média	7.836	20,5
Baixa classe média	19.938	52,2
Massa trabalhadora	7.915	20,7
Miseráveis	(25.479)	
Total	12.749	
Variação total + redução dos miseráveis	38.228	100,0

Fonte: PNAD. IBGE.